

Resumo: Os primeiros sinais que apontam para a existência de uma literatura escrita em língua portuguesa em Moçambique remontam aos finais do século XIX. Campos de Oliveira é a figura representativa deste período. A avaliar pelo contexto histórico específico em que surge a actividade desta personalidade artística, acrescido a questões de ordem sistémica, a obra por ele desenvolvida na Ilha de Moçambique aparece como um caso isolado.

Palavras-chave: Revista, recepção, estética, literatura, histórico.

Abstract: The first signals point to the existence of a written literature in Portuguese in Mozambique reedits the late 19's. Campos de Oliveira is the representative writer from that period. Assess by the historical specific context when appears the activity from that artistic personality plus the questions in systematic order, the mastership developed in Mozambique Island seems as a unique case.

Keywords: magazine, reception, aesthetic, literature, historical.

Introdução

Os primeiros sinais que apontam para a existência de uma literatura escrita em língua portuguesa em Moçambique remontam aos finais do século XIX. Campos de Oliveira é a figura representativa deste período. A avaliar pelo contexto histórico específico em que surge a actividade desta personalidade artística, acrescido a questões de ordem sistémica, a obra por ele desenvolvida na Ilha de Moçambique aparece como um caso isolado.

Contudo, foi durante a primeira metade do século XX que se assistiu ao surgimento das chamadas elites letradas dominadas por ideologias liberais e românticas. Mais tarde, desenvolveu-se no seu seio a crença no se ser diferente e a necessidade subsequente da defesa dos valores autóctones e da autonomia de uma maioria dominada pela minoria, no contexto das relações de dominação colonial portuguesa. Decorrente da relação conflituosa e de subjugação do sistema colonial, emergiram, por outro lado, as ideologias nativistas e os discursos filantrópicos das igrejas protestantes.

Foi ainda nesta panorâmica geral resultante do controlo político-ideológico do estado colonial que surge, no seio dos homens das letras, o discurso protonacionalista. Este tipo de discurso, na óptica de Mário Pinto de Andrade, é ambivalente e revelador de descontinuidades. Esta

camada de intelectuais pode ser entendida como sendo 'seres divididos', segundo Mendonça (1988), ou, ainda, de forma rigorosa, não são europeus, mas já haviam renegado valores africanos de que eram tributários.

Esta situação só pode encontrar uma base de sustentação na política assimilacionista do governo colonial português. Foram géneros dominantes nesta fase: o jornalismo crítico, a poesia e as biografias e autobiografias.

O jornalismo crítico da época funcionou como uma "galeria de almas", uma tribuna por meio da qual se faziam circular textos artísticos de carácter intervencionista. Parece oportuno, neste momento, fazer menção aos irmãos Albasini que, por meio dos jornais *O Africano* (1908) e *O Brado Africano* (1918), desempenharam um papel de relevo não só no processo de divulgação de ideias de intelectuais, mas também no processo de criação e afirmação de um núcleo de letrados interessados em desenvolver um círculo de animação cultural. Foi ainda neste primeiro momento das letras moçambicanas em que, paralelamente aos textos publicados na imprensa, registavam-se actividades literárias por meio de tertúlias.

Na poesia, destaca-se, nos anos 30, Rui de Noronha (jornalista ligado ao jornal *O Brado Africano*, produziu uma poesia influenciada pelo terceiro romantismo português). No concernente às biografias e autobiografias, há a considerar o texto biográfico de Eduardo Mondlane, intitulado

Chitlango, filho de chefe. Este texto deve ser entendido como um género especial na medida em que decorreu de uma elite oriunda das igrejas protestantes, particularmente a Missão Suíça. Os intelectuais produzidos e projectados nesta vertente vieram a estar, posteriormente, associados às primeiras lideranças políticas dos nacionalismos africanos. A este respeito, convém-nos lembrar o caso de Kamba Simango¹. O nível de proximidade dos percursos biográficos de Mondlane e Simango² e o significado literário de *Chitlango, filho de chefe* (narrativa biográfica escrita por Eduardo Mondlane, a pedido do missionário da Missão Suíça, André Daniel Clerc, que assume a co-autoria da mesma) e o texto *Tales and Songs of the Dark Continent* (biografia de Kamba Simango apresentada por Natalie Curtis) podem constituir um argumento para a necessidade de serem entendidos, na óptica de Mendonça (1998:5), “como constituintes de um género a tomar em consideração para a compreensão do surgimento de uma escrita literária [particularmente em Moçambique] ... produzidos em contexto colonial num quadro ideológico marcado por pressupostos iluministas e por acções filantrópicas de apadrinhamento...”

O processo de desenvolvimento e de afirmação da literatura escrita com carácter sistemático em Moçambique começou nos anos 30, mas sobretudo com maior ênfase nos anos 40 e 50 do século XX, aproximando-se da noção de “série literária” desenvolvida por Tynyanov. Foi ainda neste segundo período da literatura moçambicana, recuperando mais uma vez a periodização sugerida por Mendonça³ (na qual por seu turno apresenta e analisa as propostas de Ilídio Rocha e Rui Knopfli) que os textos produzidos revelam um distanciamento assinalável em relação aos

modelos de escrita metropolitanos.

Esta fase da literatura moçambicana afigura-se mais dinâmica. Parecem confirmar este dinamismo não só a quantidade dos textos produzidos, mas sobretudo o carácter violento do contacto entre as autoridades coloniais e os nativos plasmado nesses textos, como o testam a poesia de Noémia de Sousa (poetisa que apenas de 1948 a 1951 produziu uma obra poética de intervenção política e social com fortes ressonâncias do movimento da negritude) e de José Craveirinha (homem – poeta – mensageiro – profeta da nação moçambicana que mais se destacou na poesia de intervenção). A fase final do segundo período que temos vindo a caracterizar foi marcada pela produção de textos de ficção narrativa, nomeadamente *Nós Matamos o Cão Tinhoso* (1964), de Luís Bernardo Honwana e *Portagem* (1965), de Orlando Mendes. Este é o quadro geral do primeiro e segundo períodos do Moçambique literário⁴.

A dinâmica do fenómeno literário permitiu que os fazedores da literatura moçambicana moderna apresentassem alguns indícios do complexo fenómeno de absorção e apropriação de formas e escolas literárias oriundas doutros espaços literários. Neste domínio, e por razões históricas, podem ser identificadas fortes ressonâncias das literaturas brasileira e portuguesa, aliás, um intercâmbio cultural envolvendo Portugal, Moçambique (incluindo as restantes colónias portuguesas em África) e o Brasil, como já sugeria João Bentes⁵ para a criação de um órgão (periódico) propulsor do desenvolvimento cultural, que funcionasse como uma tribuna de troca de ideias, no qual pudessem colaborar valores brasileiros e portugueses à semelhança do *Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro*.

¹ A relação de proximidade entre o percurso de Kamba Simango e de Eduardo Mondlane no contexto da relação de apadrinhamento das igrejas protestantes, sobretudo a Missão Suíça, é confirmada por Cruz e Silva (1996) em *Protestant Churches and the formation of political consciousness in Southern Mozambique (1930-1974) – The case of the Swiss Mission. University of Bradford, 1996 [Tese de Doutoramento]*. A mesma questão é retomada e analisada, mais tarde, por Mendonça em “Identidade(s) literária(s) e cânone: biografias e autobiografias”. *Estudos Moçambicanos (Revista do Centro de Estudos Africanos da UEM, número 16)*, Maputo: UEM, 1998.

² O percurso biográfico de Kamba Simango é apresentado por Mário Pinto de Andrade em *As Origens do Nacionalismo Africano*, 1997.

³ Para esta estudiosa, o segundo período da literatura moçambicana vai de 1945-47 a 1964.

⁴ Foi ainda nesta fase (1952) em que se publica, postumamente, a obra *Godido e Outros Contos* da autoria de João Dias, falecido em Lisboa, em 1949. Portanto, esta obra enquadra-se ainda no período anterior.

⁵ cf. Itinerário, nº 10, p. 4



Deste modo, pode se perceber que o desenvolvimento da actividade de criação literária em Moçambique depois dos anos 30 parece ter estado associado a movimentos artístico-culturais exógenos à nação literária moçambicana. Todavia, o processo de circulação triangular de valores entre os três espaços que temos vindo a referenciar pode ser explicado por factores de ordem histórica.

Revista *Itinerário*: o que foi?

O crescimento paulatino do círculo de figuras preocupadas em desenvolver uma actividade intelectual na colónia de Moçambique criou condições propícias para o surgimento de periódicos de índole cultural que tivessem pretensões de fomentar e incentivar na “gente moça” a criação artístico-literária.

Foi precisamente a 7 de Fevereiro de 1941 que, na então cidade de Lourenço Marques, saiu à rua a revista intitulada *Itinerário*. Assumindo-se como uma “Publicação Mensal de Letras, Arte, Ciência e Crítica”, o periódico, propriedade de Fausto Leitão Ritto, era dirigido por Alexandre Sobral de Campos (bacharel em Direito). O editorial intitulado “Nós” com que apareceu este número pode ser entendido como um “documento de identificação” perante o leitor. Estão patentes neste artigo de fundo a linha editorial que seguiria, os objectivos e os desafios que se propunha realizar num contexto particular em que o saber literário e todo o saber livresco era ainda um nobre apanágio dos “poucos escolhidos”. Foi assim que a revista, assumindo um sentido sincrético e universalista, acabou funcionando como uma proposta de “viagem dos conhecimentos humanos – ao nível da ciência, arte, literatura, filosofia, história e crítica, num bem definido itinerário de objectivos culturais”⁶. Publicada durante 15 anos, o periódico teve um total de 149 números. Tendo sido, na primeira fase, um mensário e depois ter pretendido, mas sem sucesso, ser um quinzenário, foi mudando sucessivamente de direcção.

Um breve roteiro do itinerário da obra produzida pelo *Itinerário* permite estabelecer três momentos distintos. O **primeiro**, que podemos classificar de **embrionário**, decorrido sensivelmente de 1941 a 1943, foi fortemente marcado pela tentativa de conquista de um espaço de circulação e afirmação que se consubstanciava na publicação de artigos com o intuito de divulgar a revista. Nesta fase, no *Itinerário*, de entre vários aspectos, pode-se ressaltar a escassa colaboração recebida. Testam este facto o reduzido número de colaboradores, num número de sete, e a pouca diversidade temática. Pareceu ter dominado as suas páginas um grito convidativo, apelativo, no sentido de a geração nova se servir da revista, numa clara atitude de porta-voz, para a divulgação do seu pensamento nos diversos aspectos da vida da colónia e das relações multifacéticas que se estabeleciam com a metrópole, particularmente no âmbito cultural. Foram colaboradores nesta fase o pequeno grupo de entusiastas, dos quais se podem destacar José Mendonça, Orlando Mendes, António Rosado, Fauto Ritto, Rodrigues Júnior, João Quintela, Mário Soares, entre outros.

O **segundo momento**, considerado de **maturação**, decorrido, grosso modo, entre 1944 e 1953, foi caracterizado não só por um aprofundamento dos temas, mas também pela sua diversificação. Regista-se ainda neste período uma assinalável contribuição dos colaboradores portugueses e brasileiros⁷. Deste modo, assiste-se a uma acção cada vez mais interventora, uma intensa actividade difusora do saber cultural, que acaba por extravasar o universo cultural moçambicano, passando a abranger Portugal e o Brasil literários e ainda Angola. Este momento pode ser considerado de consagração do espaço ora conquistado. Este facto tornou, na verdade, o *Itinerário* um palco, uma tribuna, onde se expunham os mais diversos temas literários (como por exemplo as escolas literárias e, particularmente, fazem-se sentir ecos do movimento da *Presença*) e políticos – o Pós-

⁶ cf. O editorial do n.º 1 do *Itinerário*.

⁷ Da colaboração portuguesa pode-se registar a contribuição de Mário Soares (através de textos de índole político-ideológica decorrente do pós-guerra) e Augusto dos Santos Abranches (chegado a Moçambique em 1943, desenvolveu uma actividade artística de relevo nos diversos periódicos da colónia como poeta, crítico e ensaista até 1955, ano em que parte para o Brasil) e, do lado brasileiro, há a considerar a colaboração de Gedeão Coutinho, Edison Carneiro, José Lins do Rego, entre outros.

Segunda Guerra Mundial parece ter polarizado as atenções dos colaboradores). É ainda nesta fase que se abre uma página dedicada à divulgação dos textos da “gente moça”, num claro exercício de criação de uma oportunidade para a revelação dos voos poéticos, do génio literário da nova geração.

Uma análise mais aprofundada deste período (o que julgamos não caber neste espaço) poderá mostrar a conquista e reconhecimento do papel que a revista desempenhava no panorama artístico-cultural e científico de Moçambique, por meio de variada e rica colaboração de articulistas portugueses e brasileiros, bem como os contornos da crítica literária desenvolvida pela revista. Regista-se, ainda nesta fase, uma manifesta preocupação em divulgar assuntos sócio-culturais da colónia, por exemplo ao nível da saúde e educação indígenas e a necessidade de se ter um conhecimento mais aprofundado da realidade circundante, muito embora ainda imbuída da ideologia colonial.

O **terceiro momento**, que corresponde ‘a fase **final**, decorrendo de 1953 a 1955, vai ser marcado por uma crise ao nível dos colaboradores.

O percurso dos periódicos artístico-culturais tem revelado ser um desafio cada vez maior “manter vivo” este tipo de publicações. Pela natureza deste tipo de órgãos, grosso modo, sem fins lucrativos, mas acarretando sempre custos, a sua longevidade parece estar condenada logo à nascença. Razões são várias: dificuldade em encontrar e manter, com alguma regularidade, colaboradores e, o mais difícil ainda, garantir os custos da sua existência. É no contexto da cadeia de problemas referentes à actividade editorial que se pode enquadrar o declínio do *Itinerário*.

Não tendo sido excepção, o *itinerário* do *Itinerário* acabou desembocando na fatalidade do destino das revistas literárias. Neste caso particular, parecem ter concorrido, de forma significativa, para queda da revista problemas financeiros, quer para suportar as edições, quer para incentivar os colaboradores. Na verdade, parece demonstrativo um artigo publicado nesta fase pela redacção da revista, em resposta às críticas. No conjunto dos problemas que afligiam os leitores, há a destacar a periodicidade irregular da revista e o baixo nível de qualidade do conteúdo da mesma. Em jeito de resposta apelativa, a direcção aponta, entre vários aspectos, a crise financeira e a redução cada vez mais progressiva dos colaboradores. Estariam na

origem desta crise, na óptica da redacção do *Itinerário*, a dedicação de mais tempo, pelos colaboradores, a outras ocupações rentáveis.

Âmbito da Revista

Os fundamentos de base nos quais se afirma a pretensão dos intelectuais que, mais tarde, serviriam-se do *Itinerário* para lançarem a discussão dos mais variados assuntos da colónia, e não só, encontram-se no editorial do n.º1 da revista. Neste artigo de fundo, pode-se ler que a revista “assume-se como um órgão de imprensa que tomasse, sobre si, como missão, a preocupação de realizar uma obra séria e persistente, de divulgação de conhecimentos do saber humano; de desenvolvimento no sentido crítico nas suas mais elevadas expressões e, também de criação de um campo de letras, pela confirmação de valores já conhecidos e pela revelação de valores novos que possam vir a afirmar-se...é esta a função do *Itinerário*, sem pretensões mas com seriedade, ele procurará efectuar esta obra necessária e construtiva”. Com estas palavras apresentavam-se os objectivos da revista. Como se pode depreender do editorial, havia já no seio dos fazedores do *Itinerário* um claro reconhecimento dos valores literários e culturais na burguesia urbana da época, mas também a consciência e o desejo de o órgão servir como uma tribuna para a divulgação do saber humano variado.

Manifestando um pendor marcadamente sincrético e universalista, no sentido de fazer ecoar, no seu espaço de circulação, idéias, reflexões, debates oriundos da metrópole, este órgão tentou congrega valores moçambicanos e portugueses, numa iniciática e fecunda viagem literária. Decorrente do contacto com escritos vindos de Portugal, parece ter-se registado uma relação dialógica entre alguns textos produzidos em Moçambique neste período, sobretudo de carácter crítico, e o espírito da escola da *Presença*, ora em voga. Ciente das vicissitudes que a ideia da criação da revista representava naquele contexto específico, houve, por outro lado, a pretensão de projectar um futuro de letras mais sólido, menos reticente, por meio do apelo que se efectuava aos jovens para iniciar os seus voos literários, facto que o curso das letras moçambicanas, mais tarde, parece ter vindo confirmar.

Revista *Itinerário*: Da Divulgação do Saber Cultural à Difusão da Estética Presencista e Neo-Realista em Moçambique

A recepção da estética presencista e neo-realista em Moçambique pode ser considerada como tendo se operado, entre vários processos, no contexto dos colaboradores da revista *Itinerário*. Esta colaboração efectuou-se no quadro histórico das relações culturais entre Portugal e os restantes países de língua portuguesa, com destaque particular para o Brasil literário.

Historicamente situada nos finais dos anos 20 do século XX, a revista *Presença* é fundada em Coimbra em 1927, congregando um grupo de letrados portugueses, de entre os quais se pode destacar Miguel Torga, João Gaspar Simões e José Régio, este último considerado ideólogo, o “grande entre os grandes” e doutrinador da geração. Erguendo-se sob o signo da modernidade que já havia marcado a literatura portuguesa no início do século XX com o grupo do *Orpheu*, os presencistas, numa deliberada atitude de dar continuidade aos ideais dos arrojados jovens órficos da década de 10, advogavam, entre vários aspectos, aquilo a que José Régio designa por “Literatura Viva”, por oposição à “Literatura Morta”. Na óptica deste estudioso português, se a primeira categoria caracteriza-se por revelar a sinceridade e personalidade do seu autor e este insuflou a sua vida e experiência, a segunda categoria aponta para um sujeito de escrita que segue os modelos de escrita pré-concebidos, estéreis e imutáveis. Deste modo, a literatura viva é útil, aconselhável porque é dinâmica e a literatura morta é inútil, descontextualizadora e, por isso, abominável.

É ainda no contexto desta panorâmica geral que Orlando Mendes considera, no seu artigo publicado no nº 1 do *Itinerário*, com o título “Reabilitação da Poesia – Novo ultimatum aos mandarins modernos”, a *Presença* como marcando o início de uma época ou escola. Para este autor, o grupo da *Presença* “constituiu um albergue de poetas... não por serem anti-estética tradicional, mas [por ter sido um grupo de poetas] que queria maior âmbito expressivo para os seus voos poéticos”. Ainda no pensamento de Orlando Mendes podemos encontrar alguns sinais que nos

reenviam para o grupo da *Presença*. A afirmação seguinte parece revelar o espírito presencista: “é tempo de se reabilitar a verdadeira poesia” e, mais adiante, adverte “...é necessário que cada um se prenda menos com o que fazem os mestres e siga, de simultânea maneira, humildemente e independentemente, a verdadeira trajectória do seu voo poético”⁸. É ainda na interpretação de Casais Monteiro que se manifesta a consciência imbuída das teses regianas. Para este, “a nossa poesia somos nós mesmos. A poesia tem de ser a exacta estatura do Homem”.

A recepção da estética presencista em Moçambique parece ter-se operado, quase de forma paralela, com a estética neo-realista, uma arte utilitária e de carácter social, que sobrevalorizava elementos sociais associando-os à ideologia. Tendo a sua génese nos finais dos anos 30 e atingido a fase áurea nos anos 40 e 50, as obras produzidas durante este período parece terem reflectido, de certa forma, as convulsões sócio-políticas da época. Ou ainda de forma rigorosa: poder-se-ia considerar que o contexto histórico marcou, de forma significativa, o conteúdo dos textos. Deste modo, a arte funcionou como um espaço privilegiado, de predilecção, no qual se expunham os mais variados assuntos que preocupavam a sociedade e, por conseguinte, os seus produtores assumiam o estatuto de artista-arauto.

A revista *Itinerário* contribuiu para a divulgação do espírito das letras portuguesas desta época por meio da difusão de estudos portugueses, mas não só, direccionados para esta nova vertente literária. Parece provar este posicionamento o artigo “Novas Tendências da Literatura Portuguesa”, de Joaquim Seabra, publicado no número 51 desta revista. Nele, e com o declarado propósito de “chamar atenção do leitor moçambicano para o novo caminho que os mais recentes artistas portugueses estão a construir, apresentam-se as tendências socializantes da arte produzida por jovens como Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes e, paralelamente a estes, Jorge Amado, no Brasil”. Por outro lado, foi através desta revista que se difundiu o ambiente cultural português com base nas resenhas e notas críticas do periódico *Vértice* - revista coimbrã de cultura e arte, considerado um instrumento valioso na divulgação de informações culturais oriundas de Portugal.

⁸ Cf. O artigo de Orlando Mendes publicado no n.º 1 do periódico.

Uma análise da linha editorial da revista, sobretudo na vertente dos estudos em língua portuguesa (envolvendo autores portugueses, brasileiros, moçambicanos, angolanos) pode permitir a percepção da predilecção em fazer ecoar algumas ressonâncias da estética presencista e, numa fase posterior, a estética neo-realista. Aliás, Alexandre Pinheiro Torres (1977) parece confirmar este posicionamento ao afirmar que “é da dissidência presencista que se criaram as primeiras bases para o surgimento do neo-realismo em Portugal”. O processo histórico do surgimento das escolas e movimentos literários e a problemática da funcionalidade da arte parecem ter condicionado a relação de contiguidade entre a *Presença* e o Neo-Realismo.

O contexto em que surge o *Itinerário* e as directrizes que o nortearam, por um lado, tornaram-no um receptáculo da Modernidade literária em Moçambique, um órgão de sensibilização e divulgação da panorâmica literária de Portugal na colónia e, por outro, um instrumento disseminador da estética da *Presença* por meio da publicação de textos de natureza doutrinária. Neste domínio, os colaboradores portugueses, alguns dos quais da escola brasileira, tiveram um papel de relevo. Nesta dinâmica, parece justo mencionar Augusto dos Santos Abranches, cujo papel dinamizador, embora episódico, na óptica de Mendonça (1988), afigura-se assinalável. Coordenador de páginas de crítica literária no *Itinerário* durante o ano de 1951 (nomeadamente, “Registo”; “Crítica, Ciência e Técnica”; “Novos de Angola”) este estudioso foi, por outro lado, responsável pela difusão da literatura brasileira de pendor regionalista. Os seus escritos, oscilando entre a resenha e recensão crítica, abordavam os mais diversos aspectos das letras portuguesas, brasileiras, angolanas e moçambicanas. Foi ainda durante este período que publicou alguns textos poéticos neste revista.

A análise dos textos da literatura moçambicana moderna, sobretudo a partir dos anos 50 e 60, parece reenviar-nos para os ecos da Modernidade portuguesa trazidos a Moçambique por meio do

Itinerário. Sobre esta problemática parecem elucidativas as produções artísticas de Orlando Mendes, Luís Bernardo Honwana, João Dias, e José Craveirinha (embora este último apresente uma forte influência da estética da Negritude).

Considerações finais

Com o presente texto pretendemos abrir um espaço de reflexão sobre a recepção da estética presencista e neo-realista em Moçambique. A revista *Itinerário*, definindo-se como um órgão de divulgação do conhecimento multifacetado do saber humano, acabou assumindo o estatuto de difusor do movimento da *Presença*. Por outro lado, a relação de proximidade, do ponto de vista histórico, entre a revista em apreço e a estética neo-realista, criou condições propiciadoras para a difusão deste movimento último. O processo de circulação e recepção de ideias presencistas em Moçambique parece ter-se operado por duas vias: a primeira, por meio da colaboração directa dos intelectuais portugueses e a segunda, através do contacto com o universo artístico e intelectual com o Brasil.

Publicada durante quinze anos⁹, a orientação da revista parece ter oscilado em função da direcção. Dirigiram¹⁰ a revista Alexandre Sobral de Campos, Manuel Francisco dos Remédios e H.V. Soares de Melo, sucessivamente. A linha orientadora da revista durante as duas primeiras direcções foi marcada pela presença significativa dos colaboradores portugueses e a última direcção parece ter conseguido maior dinamismo dos colaboradores brasileiros. Este elemento, eventualmente pouco significativo, parece demonstrar as diversas tendências assumidas pela revista e os momentos em que a influência da massa crítica portuguesa e brasileira se fizeram sentir com muita acutilância. Deste modo, julgamos que a mudança de direcção ia mudando a dinâmica da revista, o que permite, de certa forma, compreender o percurso da revista no processo da difusão da estética presencista e neo-realista em Moçambique.

⁹ O primeiro número saiu a 7/02/1941 e o último em outubro de 1955, sendo, ao todo, 149 edições.

¹⁰ Alexandre Sobral de Campos dirigiu a revista do n.º 1 a 21, de 1941 a 1942. Manuel Francisco dos Remédios do n.º 22 a 53, de 1942 a 1946. Até esta data o periódico era propriedade de Fausto Leitão Ritto. O último director foi H.V. Soares de Melo, tendo assumido o cargo de direcção do n.º 54 até ao último número, i.e. n.º 149, de 1946 a 1955. A última direcção decidiu, a partir do n.º 144, mudar o formato da revista. Assim, passou a ser publicada em papel de formato A4 e não A3, como vinha acontecendo desde o início.



Aceito em 20/06/2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I. ACTIVA

ABRANCHES, Augusto dos Santos. "Nuno Bermudes – O Poeta e o Tempo". *Itinerário*, n.116, p.11.

BENTES, João. "Brasil e Portugal". *Itinerário*, n.16, p.4.

CABRAL, Alexandre. "A Literatura como Instrumento de Cultura". *Itinerário*, n. 46, p. 7 - 8.

CALDAS, Ribeiro. "Carta Aberta aos Novos". *Itinerário*, n. 4, p.1.

DENIS, Joaquim Seabra. "Novas Tendências da Literatura Portuguesa". *Itinerário*, n. 50-51, p. 11– 12.

EUSÉBIO, Alberto. "A Propósito de Temas Literários". *Itinerário*, n. 6, p. 3.

FERREIRA, Rodrigues. "Panorama Literário Brasileiro". *Itinerário*, n. 2, p. 2 e 11.

MALPIQUE, Cruz. "Quatro Notas Sobre a Arte". *Itinerário*, n. 13, p. 4.

MENDES, Orlando. "Rehabilitação da Poesia - Novo Ultimatum aos mandarins modernos". In *Itinerário*, n. 1, p. 7.

(Redacção). "Nós" (editorial do n.1 do periódico). *Itinerário*, n.1, p.1.

II. PASSIVA

DE ANDRADE, Mário Pinto. *As Origens do Nacionalismo Africano*. Lisboa: D. Quixote, 1997.

LISBOA, Eugénio. *Segundo Modernismo em Portugal*. Amadora: Biblioteca Breve – Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.

MENDONÇA, Fátima. *Literatura Moçambicana: a história e as escritas*. Maputo: Faculdade de Letras e Núcleo Editorial da Universidade Eduardo Mondlane, 1988.

NUNES, Maria Teresa Arsénio (Org.). *A Poesia da presença*. Lisboa: Editorial Comunicação, 1982.

TORRES, Alexandre Pinheiro. *O movimento neo-realista em Portugal na sua primeira fase*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1977.

TYNIANOV, Juri. "A noção de construção". In *Teoria da Literatura I*. Lisboa: Edições 70, 1965.